

POR LETÍCIA MOUHAMAD*
E EDUARDO FERNANDES*

Você se recorda ou saberia descrever como era o Brasil há 40 anos? Não? Aí vão algumas lembranças: o país ainda vivia sob o regime militar, mas o movimento das Diretas Já ganhava força; o disco cedia lugar ao rock nacional, que despontava com bandas como Legião Urbana, Barão Vermelho e Titãs; e, na Copa, a Seleção era derrotada pela Itália. Há 40 anos, também registrava-se e classificava-se o primeiro caso da Síndrome da Imunodeficiência Humana.

A aids é causada pelo vírus HIV, responsável por atacar o sistema imunológico e deixar o organismo suscetível a doenças. Foi nesse período, inclusive, que a, tão disseminada imagem do soropositivo como pessoa acamada, em pele e ossos, tornou-se popular. Desde o início da epidemia, 40,1 milhões de pessoas morreram por enfermidades relacionadas à síndrome no mundo.

Hoje, com os avanços da medicina, é possível ter qualidade de vida, mesmo portando o vírus. A doença não é mais sentença de morte e os medicamentos já não causam tantos efeitos colaterais quanto no passado. Prova dessa melhoria é que, de 2010 a 2021, as novas infecções pelo HIV diminuíram em 32%, segundo dados da UNAIDS. De forma semelhante, o número de óbitos caiu pela metade no mesmo intervalo e em escala global.

A redução é positiva, mas assusta o fato de os jovens de 20 a 34 anos representarem a maior parte dos infectados, conforme o último boletim epidemiológico da doença, do Ministério da Saúde. A tendência de aumento concentra-se em indivíduos nas faixas de 15 a 29 anos e de 20 a 24 anos. Nesse contexto, fica a dúvida: por que, mesmo com mais informações disponíveis e maior possibilidade de prevenção, esse grupo ainda é maioria?

Para responder a essa e a outras perguntas, nada mais justo do que conversar com quem vivencia esses desafios diariamente. Por isso, neste Dezembro Vermelho, que marca a mobilização nacional na luta contra o vírus HIV, a aids e outras ISTs, a *Revista do Correio* conversou com Christiano, Izabelita, David e William.

Vivendo com o HIV

Hoje, apesar do vírus, é possível envelhecer com qualidade de vida. No entanto, o descuido das novas gerações e o estigma em torno da doença ainda preocupam

Christiano Ramos chegou a pesar 47kg e a ficar dois anos internado

